

O SERMÃO DO MONTE E O CRISTIANISMO CONTEMPORÂNEO: NEGLIGÊNCIA OU FALTA DE CONHECIMENTO?

THE SERMON ON THE MOUNT AND CONTEMPORARY CHRISTIANITY: NEGLIGENCE OR LACK OF KNOWLEDGE?

EL SERMÓN DEL MONTE Y EL CRISTIANISMO CONTEMPORÁNEO: ¿NEGLIGENCIA O FALTA DE CONOCIMIENTO?

Bruno Melo¹

Resumo

O presente trabalho aborda a importância do estudo do Sermão do Monte na igreja do séc. XXI. Por meio de metodologia qualitativa e análise bibliográfica, constatou-se que, como predito por Jesus, falsos mestres enganariam a muitos, assim como são enganados os adeptos da teologia coaching e da prosperidade. Conclui-se que essa situação é agravada pela ausência do ensino genuíno na igreja contemporânea, contribuindo para a dispersão de muitos fiéis.

Palavras-chave: sermão do monte; teologia da prosperidade; pregação *coaching*.

Abstract

This paper discusses the importance of studying the Sermon on the Mount in the 21st-century church. Through qualitative methodology and bibliographic analysis, it was found that, as Jesus predicted, false teachers would deceive many, as is the case with followers of coaching theology and prosperity theology. It is concluded that this situation is exacerbated by the absence of genuine teaching in the contemporary church, contributing to the dispersion of many believers.

Keywords: sermon on the mount; prosperity theology; coaching preaching.

Resumen

El presente trabajo aborda la importancia del estudio del Sermón del Monte en la iglesia del siglo XXI. A través de una metodología cualitativa y análisis bibliográfico, se constató que, tal como lo predijo Jesús, falsos maestros engañarían a muchos, así como son engañados los adeptos de la teología del *coaching* y de la prosperidad. Se concluye que esta situación se agrava por la ausencia de una enseñanza genuina en la iglesia contemporánea, lo que contribuye a la dispersión de muchos fieles.

Palabras clave: sermón del monte; teología de la prosperidad; predicación *coaching*.

1 Introdução

Em várias igrejas cristãs do século XXI, muitos de seus membros desconhecem os ensinamentos apresentados no Sermão do Monte por Jesus, e ao que tudo indica, suas lideranças, de forma intencional, optam por apresentar mensagens de cunho motivacionais ou materiais. Essas mensagens parecem apenas querer focar em afagar o ego humano, em vez de transmitir a vontade do Senhor para a vida daqueles que desejam segui-lo verdadeiramente. Assim, percebe-

¹ Licenciado em Ciências da Religião pelo Centro Universitário Internacional - UNINTER.

se que tais discursos são intencionais e manipuladores, geralmente associados a líderes de igrejas alinhados à teologia *coaching* e à teologia da prosperidade; o que, de certa forma, tem prejudicado o desenvolvimento dos valores cristãos.

Diante dessa problemática, torna-se urgente abordar a importância da exposição adequada do texto bíblico em questão, considerando que esse representa um ensino fundamental de Jesus, dirigido aos Seus discípulos daquele período e que deve ser pregado e aplicado aos cristãos do século XXI. Essa necessidade se justifica pelo fato de a mensagem do Sermão do Monte ser frequentemente ignorada por igrejas desses segmentos. Quando abordam tal tema, o que é raro, o fazem de forma incoerente, transformando o texto em uma verdadeira eisegese, aplicando apenas trechos isolados para justificar o que consideram conveniente para si mesmos.

Dessa forma, destaca-se os seguintes objetivos: verificar como o Sermão da Montanha é apresentado na pregação com a intenção de *coaching* com base na prosperidade. Tendo como base essa premissa, destaca-se os objetivos específicos que são: Apresentar ensinamentos de Jesus no Sermão da Montanha, na perspectiva contemporânea. Expor os ensinamentos duvidosos de tais linhas teológicas que distorcem os ensinamentos de Cristo e, apresentar por meio dos ensinamentos contidos no Sermão do Monte, uma proposta pastoral que torne relevante a sua pregação.

2 O Sermão do Monte: uma breve análise bíblica na visão contemporânea.

O Novo Testamento, especialmente nos Evangelhos, apresenta aos leitores o convite à salvação (Jo 3.16), no entanto, ao refletir sobre esse chamado, muitos podem não perceber que a vida do cristão requer um estilo de vida consistente com essa identidade (Fp 3.20). Ao aprofundar-se nas páginas do Novo Testamento, o cristão encontra ensinamentos essenciais, que Jesus, ao longo de Seu ministério terreno ensinou aos seus discípulos, onde percebe-se, que tais ensinamentos visam transformar o comportamento e a mentalidade de quem aceita o convite Divino.

Todo cristão, em sua grande maioria, crê que as Escrituras Sagradas são divinamente inspiradas por Deus, e essa crença não é um crédito debitado apenas por conta de um pensamento, mas de uma realidade que está endossada na segunda carta do apóstolo Paulo à Timóteo, onde ele diz que “toda a Escritura é divinamente inspirada, e proveitosa para ensinar, para redarguir, para corrigir, para instruir em justiça; para que o homem de Deus seja perfeito, e perfeitamente instruído para toda a boa obra” (2 Tm 3:16-17). Sendo assim, pode-se concluir que a Escritura Sagrada é o guia que auxilia e conduz o cristão, a aproximar-se dos valores Divinos.

Com base nessa indicação, observa-se nas Escrituras que muitos dos sermões de Jesus abordam diretamente as relações interpessoais (Lc 10:25-37; 16:19-31), incentivando atitudes fundamentadas no amor e na empatia (Jo 8:1 -11; Mc 6:34).

Em Suas mensagens, Jesus orientava um caminho superior, mostrando que, após um encontro genuíno com Ele, era esperado que Seus ouvintes revisassem suas atitudes e vivessem de acordo com os valores do Reino de Deus. Ou seja, além de anunciar o Reino vindouro (Jo 3.3), Jesus apresentava em Seus sermões o comportamento esperado daqueles que genuinamente O reconheciam como O Messias. Sendo assim, a prática de Suas orientações seria a verdadeira prova desse reconhecimento. Um exemplo notável que se pode pontuar diante de muitos sermões apregoados por Jesus é o Sermão do Monte, que não apenas se destaca entre os ensinamentos de Jesus, mas também oferece diretrizes que diferenciam os verdadeiros seguidores daqueles que apenas compunham a multidão ao redor d'Ele. Esse sermão é fundamental para estabelecer os princípios do Reino e definir o carácter distintivo de Seus discípulos.

Ao que tudo indica, Jesus inicia o Sermão do Monte logo nos primeiros momentos de Seu ministério público. Observando de forma mais cautelosa o contexto em que esse sermão está inserido, percebe-se que ele ocorre logo após o chamado dos primeiros discípulos — Pedro, André, Tiago e João — (Mt 4.18-21) que, mais tarde, foram designados apóstolos.

Com um olhar mais atento, percebe-se que o ministério de Jesus está em franca ascensão. Sua fama se espalhou por todas as cidades, e Ele era amplamente reconhecido como aquele que ensinava com autoridade e curava enfermos de diversas doenças, incluindo paráliticos, lunáticos e pessoas possuídas por espíritos malignos (Mt 4.23-24). Como resultado, uma grande multidão começou a segui-Lo. No entanto, o texto sugere que Jesus, ao iniciar um de Seus sermões mais icônicos, registrado nos capítulos 5 a 7 do Evangelho de Mateus, busca separar aqueles que estavam realmente comprometidos em segui-Lo dos que apenas o acompanhavam por curiosidade ou interesse momentâneo. Vale lembrar que o evangelho de Lucas também apresenta o Sermão da Montanha (Lc 6.17-49); no entanto, Mateus o relata de forma mais detalhada, parecendo oferecer uma abordagem mais completa e abrangente. É evidente que há propósitos específicos para Lucas ter escrito de maneira mais sucinta. No entanto, ele não omite os ensinamentos, pois muitas partes da mensagem que não aparecem no capítulo 6 são desenvolvidas ao longo de seu evangelho (Lc 11.1-4; 12.31). Sendo assim, uma análise sob a ótica de Mateus permite uma compreensão mais detalhada, especialmente porque os ensinamentos de Jesus estão bem agrupados e de fácil localização.

Nesse momento, no Sermão do Monte, Jesus é apresentado como uma figura semelhante a Moisés. Pois assim como Moisés subiu ao Monte Sinai e trouxe a Lei para revelar a vontade

de Deus ao povo de Israel, agora Jesus, por sua vez, anuncia uma nova “lei”, também em um monte. No entanto, ao contrário das normas e preceitos dados por Moisés, Jesus introduz ensinamentos que visam transformar o homem, não buscando uma mudança de comportamento externa, mas interna. O que de certa forma já havia sido predito pelo profeta Jeremias quando anunciou que Deus escreveria Sua lei diretamente na mente e no coração das pessoas (Jr 31:33), trazendo uma mudança interna e profunda, alinhada ao propósito de uma espiritualidade vívida de dentro para fora (Tasker, 2020, p. 47).

3 Teologia coaching e seus conflitos com as escrituras

A igreja contemporânea tem sido fortemente influenciada pelo antropocentrismo religioso, um fenômeno que compromete diversos princípios fundamentais ensinados no Sermão do Monte dentro do cristianismo. Essa tendência encontra respaldo no que hoje se conhece como pregação *coaching*. A visão de teólogos e pastores relacionado a esse movimento segundo Aguiar (2024, p.71) é:

a popularização de uma abordagem por eles denominada “Teologia do *Coaching*” (TC), a qual estaria comprometida com uma perspectiva “humanista” da fé e seria antagônica ao princípio da *sola gratia* destacado pela Reforma Protestante. Ao enfatizar excessivamente o desenvolvimento de si para a obtenção da excelência, do sucesso e da prosperidade, os indivíduos legitimariam um poder de realização intrínseco à própria natureza, opondo-se a conceitos basilares da fé cristã. Para tais críticos, o elemento “cristocêntrico” da teologia cristã seria subvertido, na “Teologia do Coaching”, pelo “humanismo”, em uma substituição da submissão à vontade de Deus pela defesa da capacidade humana de instrumentalizar essa vontade.

Os pregadores associados a essa linha de pensamento frequentemente colocam excessivamente o homem como o “centro do universo”, indicando que ele possui qualidades específicas capazes de agradar a Deus por si só. Um exemplo disso é a pregação de Deive Leonardo, que é nacionalmente conhecida sob o título de: “Você é o ponto fraco de Deus”. No entanto, a perspectiva dessa mensagem contraria os ensinamentos das Escrituras Sagradas relacionadas ao homem para com Deus (Ec 7.20; Rm 3.9-18, 7.18-23; 1Tm 1.15). Relacionado a falácia de tal pregação, ao comentar sobre, Martins, Panplona e Nunes (2023, p. 43) dizem que:

Ele inicia com a leitura do texto de 1 Pedro 1.18 e, em seguida, afirma que nós somos o centro dessa palavra. Ao apontar para a Bíblia, ele diz: “você é o centro disso aqui”. Deive avisa que explicará melhor essa sentença, mas o que vem é ainda mais estranho. Ele diz: “No Novo Testamento, Jesus é o centro, Jesus é o centro da Bíblia, Jesus é o centro do evangelho, mas, de Jesus, você é o centro! Do coração de Jesus, você é o centro!”.

Ao analisar com cuidado o que fora dito por tal pregador à luz da Bíblia Sagrada, evidencia-se a fragilidade dessa mensagem transmitida com o primeiro ensinamento de Jesus no Sermão do Monte — "Bem-aventurados os pobres de espírito" — onde aponta para o verdadeiro modo como o cristão deve se apresentar diante de Deus: com humildade. Ou seja, essa humildade, como já abordado anteriormente, refere-se ao compreender a sua real condição diante de Deus, que é de um pecador necessitado das Suas misericórdias. No entanto, ao avaliar tal mensagem, até mesmo parece que tal pregador quer fazer com que sua audiência não se sinta tão desconfortável diante de Deus, que precisa fazer com que eles se sintam especiais e não tão maus como realmente são por conta da herança adâmica. Dessa forma, com uma mensagem confortável, e individualista, a audiência dessa liderança mesmo sem intenção, acabam levando esse ensino distorcido e individualista até mesmo para o momento de sua oração.

Baseado na questão da oração, pode-se tomar como exemplo a parábola do fariseu e do publicano, onde Snodgrass (2017, p. 658-659) diz que:

Normalmente, a oração do fariseu é compreendida como arrogante, orgulhosa e autojustificadora, particularmente porque ela faz cinco referências ao “eu” (...). Em Deuteronômio 26.12-15 as pessoas devem vir com os seus dízimos, afirmar a sua obediência a Deus e orar buscando a sua bênção. Entretanto, o fariseu da parábola não trás os seus dízimos, não ora pela bênção e não afirma que ele guardou os mandamentos. Em vez disso, ele agradece a Deus por não ser como os outros e aponta para o seu procedimento que excedia a exigência dos mandamentos (...). Ao contrário do que ocorre em Deuteronômio 26, não existe uma ênfase em Deus como aquele a quem devemos guardar a aliança e que é a fonte de todas as bênçãos, e também não existe uma ênfase nos pobres a quem o dízimo deveria ser direcionado.

A oração basilar que Cristo Jesus ensinou aos seus discípulos foi a oração conhecida como “Pai Nosso”. A partir dessa oração, pode-se compreender o quanto os conceitos e formas atuais de se aproximar de Deus Pai estão distantes do que foi ensinado por Jesus. Ao analisar ponto a ponto a oração do “Pai Nosso”, percebe-se que o antropocentrismo está completamente desconectado desses ensinamentos, conforme descrito no evangelho de Mateus:

Portanto, vós orareis assim: Pai **nosso**, que estás nos céus, santificado seja o teu nome; venha o teu reino, seja feita a tua vontade, assim na terra como no céu. O pão **nosso** de cada dia nos dá hoje; e **perdoa-nos as nossas** dívidas, assim como **nós perdoamos aos nossos** devedores. E não **nos** conduzas à tentação; mas **livra-nos** do mal; porque teu é o reino, e o poder, e a glória, para sempre. Amém (Bíblia, Mateus, 1993, 6.9-13, grifo nosso).

A partir dessa oração, é visível e destacada a quantidade de referências que Cristo apresenta no âmbito coletivo, enfatizando a importância de orar uns pelos outros e; fica evidente que esse ensinamento ecoa nos ensinamentos posteriores dos apóstolos (Ef 6.18; 1Tm 2.1-2; Tg 5.16).

Ao analisar tais dados e compará-los com tal movimento, percebe-se o quão perigoso é tal ensino. Pois a mensagem da teologia *coaching*, de maneira sorrateira, desvia-se desses pilares fundamentais do ensino cristão. Ou seja, ela promove o antropocentrismo, colocando o homem no centro da mensagem, no entanto, o Evangelho é Cristocêntrico, ou seja, Jesus é o centro. E por fim, apresenta um evangelho distorcido, maquiado, enfraquecido na sua essência ao transmiti-lo aos seus seguidores. Dessa forma, aqueles que seguem essa abordagem acabam não ouvindo, nem praticando, o verdadeiro evangelho, que é, na essência, é um evangelho de renúncia (Mt 16.24-26).

4 Teologia da prosperidade

Dentre tantos problemas teológicos nos púlpitos brasileiros no contexto contemporâneo, a igreja do século XXI enfrenta transformações significativas, incluindo a proliferação de diversas denominações que seguem diferentes linhas teológicas. Entre essas, destacam-se as igrejas vinculadas à teologia da prosperidade, geralmente associadas ao movimento neopentecostal. Esse movimento tem causado preocupações no meio cristão devido à sua ênfase no apego a bens materiais e a sua negligência em não ensinar aos fiéis os princípios que moldam o carácter de um verdadeiro discípulo de Cristo. Muitas vezes, essa teologia apresenta uma proposta superficial que atrai grandes multidões, mas que, na prática, se distancia dos valores fundamentais do evangelho, comprometendo a formação espiritual genuína de seus seguidores; onde, dessa forma, promovem mensagens totalmente contrárias aos ensinamentos de Cristo, como por exemplo a exaltação pessoal e prosperidade material, ou seja, um discurso totalmente inverso ao de Jesus.

Sendo assim, pode-se afirmar que a negligência de tais lideranças é gritante nesse aspecto, pois o ensino da Palavra de Deus não é a sua primazia, e o que é mais alarmante, é que muitas pessoas levadas por algum tipo de desespero financeiro acabam se enveredando por esse discurso distorcido da teologia da prosperidade. De acordo com Lemos (2017, p. 87):

Esta doutrina preencheu o imaginário dos pobres, que embebedados da crença de que é necessário dispendir de uma quantia financeira para posteriormente alcançar o enriquecimento e a entrada no Reino de Deus, aliaram-se à TP. Mas também se encaixou perfeitamente no plano de vida das elites, que passaram a utilizar a TP para justificar o seu luxo, interessadas em legitimar o próprio estilo de vida.

Ou seja, muitos agora, apegados por tal ensinamento não se atentam (talvez por falta de conhecimento, pois não são instruídos a estudar as Escrituras) às palavras do apóstolo Paulo em sua segunda carta aos Coríntios onde ele diz que: “Cada um contribua segundo propôs no seu

coração; não com tristeza, ou por necessidade; porque Deus ama ao que dá com alegria”. Ou seja, contribuir por necessidade, segundo as palavras do apóstolo Paulo é justamente ofertar pensando em algo em troca, ou seja, eu preciso de algo, e ofertar como forma de barganha para receber algo que necessito. No entanto, muitos líderes, por não se atentarem aos detalhes que esse e muitos outros textos trazem a respeito da forma como se deve ofertar, acabam levando muitos a caminhos perigosos, que corrompem o coração, tirando a real intenção do ofertar. Sendo assim, a busca intensiva pela riqueza pode trazer muitos danos, não apenas à vida terrena do cristão, mas principalmente à espiritual.

Jesus no Sermão do Monte (Mt 6.19-21) orienta sobre tal perigo:

Não ajunteis tesouros na terra, onde a traça e a ferrugem tudo consomem, e onde os ladrões minam e roubam; mas ajuntai tesouros no céu, onde nem a traça nem a ferrugem consomem, e onde os ladrões não minam nem roubam. Porque onde estiver o vosso tesouro, aí estará também o vosso coração.

Todavia, é bom salientar que a riqueza em si não é algo pecaminoso, pois se tem vários exemplos de pessoas bem-sucedidas nas Escrituras que foram grandes homens e mulheres de Deus (Lc 8.2-3; At 10.1-2; 16.14-15; Fm 1.1-2). No entanto, a busca excessiva por tal posição pode corromper o coração do homem colocando “um bezerro de ouro” em seu coração, onde dessa forma, esse homem, mesmo sem perceber, passa a não mais a confiar em Deus e t’Elo como o regente de sua vida, mas unicamente, passa a entender que a única forma de alcançar certa estabilidade e felicidade na vida é alcançando tal posição.

5 Resultados e discussões

Diante dos três longos capítulos do evangelho de Mateus (Mt 5–7), onde Jesus inicia calmamente o Seu sermão, é notável que essa abordagem tranquila tenha como propósito permitir que Sua audiência acompanhe a Sua mensagem. No entanto, por se tratar de diversos ensinamentos, serão destacados apenas dois: “bem-aventurados os pobres de espírito” e, as promessas apresentadas por Jesus àqueles que priorizarem o Reino de Deus e a Sua justiça. Esse enfoque busca entender ponto a ponto o que foi apresentado por Jesus nesse sermão e destacar a necessidade de se debruçar com seriedade sobre qualquer estudo bíblico, especialmente por se tratar de um livro espiritual. Vale pontuar que Agostinho de Hipona (354–430 d.C.), considerado um dos grandes teólogos da história, além de se preocupar com a fidelidade na interpretação das Sagradas Escrituras, recomendava que, para ministrar a Palavra de Deus, o pregador deveria, antes de tudo, estar preparado espiritualmente (Forrest *et al.*, 2020, p. 175).

5.1 Bem-aventurados os pobres de espírito

No Sermão do Monte, Jesus apresenta as características de alguém que realmente queira ser o Seu seguidor e conseqüentemente seja reconhecido por muitos como tal. Em primeira instância a multidão que a cerca parece pensar que Ele apreciasse o fato de ter muitas pessoas ao seu redor, assim como os fariseus (Mt 23.5). No entanto, a Sua postura e o Seu ensino demonstram que Ele não estava preocupado com isso, e sim, em apresentar como deveria ser o comportamento de um verdadeiro filho de Deus, ainda que isso lhe custasse perder grande parte desses seguidores (Jo 6.66). Dessa forma, Jesus inicia Seu sermão com a declaração: “Bem-aventurados os pobres de espírito, porque deles é o Reino dos céus” (Mt 5.3). O início dessa mensagem traz à tona uma palavra pouco usual no vocabulário contemporâneo: “bem-aventurados”; que segundo Champlin (2014, p. 300):

Alguns intérpretes acreditam que o uso que Jesus fez da palavra aqui reflete as ideias e expressões hebraicas que se encontram, por exemplo, em Salmos 1.1; 32.1 e 112.1, onde a palavra hebraica “*ashrê*”, ou “quão feliz”, indica a condição de felicidade em vista. (...) Esse mesmo vocábulo é aplicado aos mortos que morreram no Senhor (Ap 14.13), e esse uso, por sua vez, é extremamente instrutivo. Poderíamos dizer, com igual verdade: “Bem-aventurados os que vivem no Senhor”, e é essencialmente isso que Jesus dizia, ao pronunciar as “bem-aventuranças”.

Ao realizar uma exegese dos três capítulos do Sermão do Monte, torna-se evidente que o discurso de Jesus está fundamentado em valores espirituais. Ele aponta para uma felicidade que transcende as circunstâncias momentâneas e busca transformar a essência dos seus seguidores, promovendo uma conexão mais profunda com os princípios do Reino de Deus. Sendo assim, pode-se concluir que aquilo que o homem entende como felicidade, são limitados ao tempo presente, enquanto a felicidade verdadeira, proposta por Cristo, é eterna e enraizada em uma relação íntima com O Pai.

No decorrer do texto, o leitor contemporâneo se depara com a frase “pobres de espírito”; onde, em uma breve análise, e sem muito estudo aprofundado, o mesmo, ao ler o texto de forma abrupta pode achar que Jesus esteja se referindo a pobreza que muitos conhecem, e que ao mesmo tempo correm para que ela não os alcance. No entanto, não é isso o que as palavras de Jesus querem dizer, pois, como afirmado por Tasker (2020, p. 49):

Os que reconhecem de coração ser “pobres” de espírito no sentido de não poderem realizar nenhum bem sem assistência divina e que não tem nenhum poder em si mesmos que os ajude a fazer o que Deus requer deles. O reino dos céus a estes pertence, pois deste reino os orgulhos por sua auto-suficiência são inevitavelmente excluídos.

Nesse sentido, o cristão é confrontado com sua verdadeira condição diante de Deus: a de um pecador dependente da misericórdia divina. Essa realidade é ilustrada de forma clara na parábola do fariseu e do publicano (Lc 18.9-14), onde Jesus apresenta a sua audiência que a humildade e o reconhecimento da condição do homem é a condição é indispensável ao se apresentar a Deus.

Cabe frisar, que o conceito de ser “pobres de espírito” não se restringe apenas ao momento da oração do homem para com o Pai, mas abrange toda a vida do cristão; principalmente aqueles que se acham autossuficientes, não dependentes, nem de Deus e nem de ninguém ao seu redor. O que de certa forma reflete de forma direta ao que a carta de Tiago (4.6) apresenta ao ensinar que “Deus resiste aos soberbos, mas dá graça aos humildes”. De forma direta, esse conhecimento é crucial para a igreja do século XXI, em entender qual a sua verdadeira condição e postura diante de Deus; ou seja, a condição de pecador e dependente se Suas misericórdias.

5.2 Todas essas coisas vos serão acrescentadas

Assim como o capítulo 5, o capítulo 6 de Mateus é um texto que também atribui uma lista de ensinamentos que visam moldar o homem que agora está sendo ministrado por Jesus. Dentro destes ensinamentos estão: como dar esmolas (6.3), como orar (6.6), como jejuar (6.17), sobre o perigo do apego pelos bens terrenos (6.19) e sobre a ansiedade (6. 25). Entre os diversos tópicos apresentados, destaca-se o último (6.25), em que Cristo, ao apresentar Seu discurso, garante à Sua audiência que aqueles que decidirem segui-lo não serão desamparados pelo Pai, assim como Ele não desampara Suas criaturas, por menores que sejam. Ao finalizar, conclui com uma promessa (Mt 6.33).

Ao observar o contexto e a promessa apresentada à referida passagem, percebe-se que ela tem sido frequentemente interpretada de maneira equivocada, um problema que se perpetua há muitos anos. É muito comum em muitos púlpitos brasileiros e inclusive em redes sociais, os cristãos, ao fazerem referência a esse, mencionarem a conclusão da sua leitura da seguinte forma: “buscai primeiro o reino de Deus, e a sua justiça, e as demais coisas vos serão acrescentadas”. Isso, de certa forma, representa um problema, pois a interpretação e a pregação associadas a esse sentido mencionado (“*demais coisas*”) podem oferecer ao leitor, e subsequentemente ao ouvinte, uma promessa atrativa, embora infundada. Em outras palavras, isso pode levar muitos a acreditar que, se buscarem primeiramente o reino de Deus, o Senhor lhe providenciará outras coisas, como casa, carro, emprego, estabilidade financeira entre muitas outras.

Contudo, ao fazer uma análise exegética do texto, o leitor perceberá que não é sobre isso que Jesus está falando e ensinando. Primeiramente pelo fato de o texto, em nenhum momento dizer tais palavras, pois o mesmo verdadeiramente diz: “Mas, buscai primeiro o reino de Deus, e a sua justiça, **e todas estas coisas** vos serão acrescentadas” (Mt 6.33, ARC, grifo nosso). No entanto, para que o argumento não seja raso, baseado apenas em uma tradução, é oportuno apresentar aqui outras versões, fornecendo embasamento para que se compreenda plenamente o que Cristo estava transmitindo aos Seus discípulos. Sendo assim, seguem algumas versões: “Busquem, pois, em primeiro lugar o Reino de Deus e a sua justiça, **e todas essas coisas** lhes serão acrescentadas” (Mt 6.33, NVI, grifo nosso); “Buscai, em primeiro lugar, seu Reino e sua justiça, **e todas essas coisas** vos serão acrescentadas” (Mt 6.33, BJ, grifo nosso).

É claro que para uma análise mais meticulosa, é pertinente recorrer diretamente ao texto grego. De acordo com a tradução do Novo Testamento Interlinear traduzido pelo Dr. Vilson Scholz, a referida passagem é apresentada da seguinte forma: “ζητείτε δε πρώτον τὴν βασιλείαν [τοῦ θεοῦ] καὶ τὴν δικαιοσύνην αὐτοῦ”, “buscai (2) Mas (1) primeiro o reino [de Deus] e a justiça dele”, “**καὶ ταῦτα πάντα** προστεθήσεται ὑμῖν”, “e estas coisas todas serão acrescentadas a vós” (2004, p. 23, grifo nosso).

Diante de tantas versões, não há dúvidas de que o texto em si possui um direcionamento claro, ou seja, as promessas feitas por Jesus não abrangem “tudo”, como muitos pensam. Dessa forma, é pertinente que, ao se fazer uma leitura bíblica, o leitor se debruce sobre o texto e faça perguntas. Nesse caso, em relação ao texto referido, cabe aqui uma pergunta: Que coisas são estas? A resposta está logo no início do diálogo (Mt 6.25), onde Jesus diz: Por isso vos digo: Não andeis cuidadosos quanto à vossa vida, pelo que haveis de comer ou pelo que haveis de beber; nem quanto ao vosso corpo, pelo que haveis de vestir. Não é a vida mais do que o mantimento, e o corpo mais do que o vestuário?

De maneira sucinta, o texto em questão destaca a importância dos seguidores de Cristo em buscar o Reino de Deus e a Sua justiça. Ao seguir esse ensinamento, a promessa de Jesus é clara. As necessidades básicas para o corpo serão providas pelo Senhor (comida, bebida e vestimenta). É relevante ressaltar que essa promessa limita-se estritamente às questões fundamentais do corpo; não abrangendo nada além disso. Qualquer interpretação que ultrapasse esse limite configura-se como uma inserção de suposições pessoais, caracterizando uma abordagem inadequada de mera especulação inserida pelo leitor, mais conhecida como eisegese. Como se pode perceber, a partir de apenas dois ensinamentos de Jesus no Sermão do Monte, foi possível identificar, de maneira sucinta, as características fundamentais de um verdadeiro seguidor de Cristo. Primeiramente, o discípulo deve ser humilde, reconhecendo sua

condição ao se apresentar diante de Deus (Mt 5.3). E por fim, deve confiar plenamente na provisão divina para suas necessidades básicas, conforme ensinado por Jesus (Mt 6.33).

Tendo em vista as questões levantadas e todo o desdobramento que a problemática traz para os dias atuais, destaca-se a urgência da conscientização das lideranças cristãs no Brasil quanto à importância do estudo sistemático do Sermão do Monte para os fiéis onde congregam. Pois, até mesmo em igrejas que não são de cunho neopentecostal, há tal negligência. É nesse ínterim que muitos não conhecem como deve ser o comportamento ou como deve agir um cidadão dos céus segundo os ensinamentos de Jesus nesse sermão. É importante também pontuar as bênçãos contidas nesses ensinamentos, as quais alcançarão tanto aqueles que ensinam e praticam, quanto aqueles que, mesmo enfrentando alguns deslizamentos na caminhada, mas perseverarem em ensinar o Seu povo, também receberão tal bênção. Como registrado no Evangelho de Mateus (Mt 5.19): Qualquer, pois, que violar um destes mandamentos, por menor que seja, e assim ensinar aos homens, será chamado o menor no reino dos céus; aquele, porém, que os cumprir e ensinar será chamado grande no reino dos céus.

Se for realizado um levantamento entre os cristãos do século XXI, independentemente de serem líderes ou não, ficará evidente que muitos conhecem esse ensinamento de Jesus, porém não lhe atribuem a devida importância. É bem provável que isso ocorra pelo fato de tal ensino não apresentar resultados "espetaculares", como visões, revelações, entre outros.

Sendo assim, fica evidente que a falta de ensino bíblico resulta em falta de conhecimento. E, quando se fala de conhecimento, não se trata apenas de ouvir ou falar, mas de ouvir e compreender, compreender e praticar, praticar e ensinar aquilo que se conhece e vive. É por conta dessa ausência de conhecimento que muitos se desviam do caminho da verdade e dão ouvidos a enganos (o que não se justifica), pois, muito provavelmente, procuram em outros aquilo que lhes falta (conhecimento). No entanto, essa busca pelo “novo” pode ter um custo muito alto. O que já foi anunciado por Jesus no Sermão do Monte, ao dizer: “Acautelai-vos, porém, dos falsos profetas, que vêm até vós vestidos como ovelhas, mas, interiormente, são lobos devoradores” (Mt 7.15).

Relacionado a esse assunto, Tasker (2020, p.66), ao comentar sobre essa passagem, afirma que:

O que torna o caminho estreito e difícil de achar é a existência de numerosos mestres falsos que tem as suas próprias fórmulas para o bem-estar do homem (...). No versículo 15, numa afirmação que só se acha em Mateus, Jesus adverte os seus discípulos de que a característica mais perigosa de todos esses mestres falsos é que o ensino deles muitas vezes parece, à primeira vista, ter semelhança com a verdade.

Com isso, foi possível perceber, que tais ensinamentos, que hoje se conhece como os ensinamentos da teologia da prosperidade e *coaching*, têm distorcido os ensinamentos de Jesus apresentados no Sermão do Monte. De forma vil, essas práticas têm arrebanhado muitos no seio da igreja de Cristo. É claro que isso não deixou de ser anunciado nas Sagradas Escrituras, uma vez que tais movimentos surgiram de pessoas provenientes do próprio meio cristão.

Ainda relacionado ao tema dos falsos mestres, que na analogia de Cristo são descritos como lobos vestidos de ovelhas (Mt 7.15), Champlin (2014, p.340-341) comenta que:

Apresentando-se como ovelha, o lobo consegue intrometer-se entre elas; mas come a carne das ovelhas. O falso profeta falso pode até viver literalmente das ovelhas (dinheiro), comendo assim a sua carne e vestindo-se com a sua lã. O “Didache” (ensino dos apóstolos) refere-se a certas pessoas, intitulado-as comerciantes de Cristo, pois da sua religião fazem um meio de vida, um meio de ganhar dinheiro, como se fora qualquer outro negócio. (...) Na história da igreja, vemos que aparecem no tempo oportuno, como judaizantes (ver 2, Co 11.13), e em vários lugares apareciam no mundo dos gentios, onde fora estabelecida alguma igreja cristã, na forma de gnósticos (ver 1, Jo 4.1; 2 Timóteo 4.1). Esses lobos sempre encontram suas vítimas.

Diante de tais argumentos, fica evidente que a igreja do século XXI não está isenta de tais perigos. Em diversas passagens bíblicas, há alertas direcionados à igreja sobre os falsos líderes, os quais, desde os tempos antigos, surgem com frequência e continuam a aparecer, enganando os cristãos ao trazerem algum tipo de ensinamento distorcido ou revelação. Usando esses movimentos para corromper o evangelho de Cristo, com o único propósito de obter algum tipo de vantagem, especialmente sobre aqueles que, provavelmente, já estão esmorecendo na fé.

Existem, é claro, dezenas de textos que apontam para o mal que a busca por riquezas traz ao homem, no entanto o que se deve estar em destaque na questão é: Os líderes de tais seguimentos não sabem ou nunca leram tais ensinamentos de Jesus no Sermão do Monte? Portanto, é importante ressaltar que, se tais lideranças nunca leram esses ensinamentos, dessa forma, não estão aptas a liderar, pois isso evidencia falta de conhecimento. Por outro lado, se já estudaram essas passagens e ainda não as ensinam ao povo, igualmente não estão aptas a liderar, pois isso configura negligência.

Dessa forma, como apresentado no alerta de Jesus no Sermão do Monte, esses indivíduos devem ser vistos como lobos vestidos de ovelhas (Mt 7.15), e a igreja precisa estar atenta. Fica evidente, diante de suas atitudes, que tais “ensinadores” não têm o propósito de arrebanhar e pastorear ovelhas para o Reino de Deus, mas manipulam propositalmente as Sagradas Escrituras para, por interesses próprios, arrecadarem riquezas, sabotando também a espiritualidade de muitos.

6 Considerações finais

Os ensinamentos apresentados por Jesus no Sermão do Monte são em sua essência fontes riquíssimas de espiritualidade a serem praticadas pelo corpo da igreja onde Cristo é a cabeça. Muitos, talvez, não se atentem ou não atribuam a devida importância a esses ensinamentos por entenderem que espiritualidade é apenas uma experiência sobrenatural com o sagrado. Contudo, ao analisar as palavras de Jesus, percebe-se que essas práticas revelam as características espirituais dos cidadãos dos céus aqui na terra.

Observe-se que a falta de apenas dois ensinamentos do Sermão do Monte já trouxe e ainda traz problemas significativos para a igreja contemporânea, em especial, as que apenas apresentam mensagens de cunho *coaching* e a igrejas vinculadas a teologia da prosperidade. Se, de certa forma, os cristãos que hoje se amontoam nesses templos, e até mesmo aqueles cujo primeiro contato com o cristianismo se deram em tais igrejas, conhecessem o verdadeiro significado dos ensinamentos de Cristo no Sermão do Monte, certamente boa parte dessa parcela não estaria mais lá. E, mesmo que decidissem permanecer, teriam que fazer isso com a consciência de que tais práticas e doutrinas apresentadas por esses falsos líderes cristãos não estão alinhadas com os ensinamentos bíblicos.

Ao atentar para tais ensinamentos e praticá-los, o cristão, conforme as palavras de Jesus, torna-se o “sal da terra (Mt 5.13) e luz do mundo (Mt 5.14-16)”. Ser o “sal” indica utilidade na conservação, refletindo o papel da igreja em evitar que a corrupção do mundo se intensifique ainda mais. Nesse contexto, o “sal” (a igreja) conserva a vida enquanto cumpre sua missão evangelizadora aqui na terra. De forma semelhante, ser a “luz do mundo” aponta para a função de reflexão a glória de Cristo. Assim como a lua brilha com a luz do sol, a igreja não possui luz própria, mas reflete a luz de Cristo (Earle, 2019, p. 57).

Sendo assim, percebe-se que há prioridades claras no Reino de Deus, entre as quais o amor e a comunhão ocupam lugar de destaque (Mt 5.23-24; 6.12,14; 7.12). Esses princípios ensinam que os cidadãos dos céus não devem viver como os cidadãos da terra, onde a amargura, o rancor e a busca pela razão predominam em meio aos conflitos. Mas, para os filhos de Deus, o perdão e a reconciliação devem ser tratados com primazia entre os irmãos.

Como já destacado e apresentado, o individualismo destacado nas pregações *coaching*, bem como as mensagens da teologia das prosperidades, levaram e continuam levando multidões por um caminho que não corresponde ao que Jesus ensinou sobre o Seu Reino. Outrossim, percebe-se que praticar os ensinamentos contidos nesse sermão (Sermão do Monte) tem o propósito de, por meio das obras realizadas pela Igreja aqui na terra, glorificar o Nome do Senhor (Mt 5.16).

A pesquisa também destacou a relevância de praticar os ensinamentos do Sermão do Monte, evidenciando que o discurso de Jesus é fundamentado em valores espirituais e não materiais. Onde Ele aponta para uma felicidade que transcende situações momentâneas, promovendo uma transformação da essência do ser humano e estabelecendo uma conexão mais profunda com os princípios do Reino de Deus.

Diante de tal investigação, destaca-se a importância da continuidade do assunto abordado em futuras pesquisas. Assim, investigações futuras são relevantes e complementares às questões tratadas, tanto no escopo dos dois ensinamentos do Sermão do Monte envolvido neste trabalho, quanto em relação a outros ensinamentos presentes no mesmo sermão.

7 Metodologia

A metodologia empregada foi a revisão narrativa. A revisão narrativa, segundo Rother (2017) é ideal para apresentar uma visão geral e atualizada sobre um tema, abrangendo tanto aspectos teóricos quanto contextuais. Sua principal característica é a flexibilidade na seleção dos materiais, permitindo a inclusão de livros, artigos e análises pessoais do autor. Dessa forma, o aprofundamento da questão foi realizado por meio de livros e artigos científicos sobre o tema, proporcionando melhores esclarecimentos e definições pertinentes às questões abordadas.

Foram selecionados livros de autores altamente reconhecidos na área, assim como o Dr. Russel Norman Champlin, Ph.D. em Novo Testamento e Filosofia pela University of Utah, e o Dr. Klyne Snodgrass, professor de Estudos do Novo Testamento no North Park Theological Seminary em Chicago. A seriedade desses autores e suas vastas experiências na área teológica foram critérios necessários para sua inclusão neste trabalho. Além disso, foram selecionadas revistas científicas relevantes, entre elas a Revista de Cultura Teológica (PUC/SP) e a Revista Eletrônica Espaço Teológico (PUC/SP).

Os critérios de seleção dos documentos envolveram a análise do contexto dos fundamentos e ensinamentos relacionados ao Sermão do Monte, bem como em questões que dizem respeito à pregação *coaching* e à teologia da prosperidade. E a tradução da Bíblia utilizada para apresentar as citações dentro da pesquisa foi a João Ferreira de Almeida Revista e Corrigida (ARC).

Referências

AGUIAR, A. T. “Bem-aventurados os pacificadores”. A identidade dos εἰρηνοποιοί em Mateus 5,9. **Revista de Cultura Teológica**, São Paulo (SP), v. 32, n. 105, p. 73, Setembro 2023. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/culturateo/article/view/62991>. Acesso em: 20 nov. 2024.

AGUIAR, T. P. **Cristianismo Não Religioso: uma etnografia do coaching em igrejas, prisões e corporações de segurança pública no Brasil**. 2024. 286 f. Monografia. (Doutorado) – Antropologia Social - Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2024.

BÍBLIA. Português. **Bíblia de Jerusalém**. São Paulo: ed. Paulus, 2013.

BÍBLIA. Português. **Bíblia Sagrada**. Tradução João Ferreira de Almeida. São Paulo: ed. Sociedade Bíblica do Brasil, 1993.

BÍBLIA. Português. **Bíblia Vida Melhor – Nova Versão Internacional**. Rio de Janeiro: ed. Thomas Nelson Brasil, 2014.

CHAMPLIN, R. N. **O Novo Testamento Interpretado Versículo por Versículo**. v 1. Mateus / Marcos. São Paulo: ed. Hagnos, 2014.

EARLE, R. **Comentário Bíblico Beacon: Mateus a Lucas**. v. 6. Rio de Janeiro: ed. CPAD, 2019.

FORREST, B. K. *et al.* **A História da Pregação**. A vida, teologia e método dos maiores pregadores da história. Rio de Janeiro: ed. Thomas Nelson Brasil, 2020.

LEMO, C. S. Teologia da Prosperidade e sua Expansão Pelo Mundo. **Revista Eletrônica Espaço Teológico**, São Paulo (SP), v. 11, n. 20, p. 87, jul./dez. 2017. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/reveleteo/article/view/35992>. Acesso em: 16 dez. 2024.

MARTINS, Y.; PAMPLONA, P.; NUNES, G. **Você é o Ponto Fraco de Deus**. São Paulo: ed. Mundo Cristão, 2023.

ROTHER, E. T. Revisão sistemática X revisão narrativa. **Acta paul enferm** [Internet], v. 20, n. 2, p. v-i, apr. 2007. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0103-21002007000200001>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/appe/a/z7zZ4Z4GwYV6FR7S9FHTByr/?format=pdf&lang=en>. Acesso em: 03 jan. 2024.

SCHOLZ, V. **Novo Testamento Interlinear – Grego Português**. São Paulo: ed. Sociedade Bíblica do Brasil, 2004.

SNODGRASS, K. **Compreendendo todas as parábolas de Jesus: guia completo**. Rio de Janeiro: CPAD – Casa Publicadora das Assembleias de Deus, 2016.

TASKER, R. V. G. **MATEUS**. Introdução e Comentário. São Paulo: ed. Vida Nova, 2020.

Data de submissão: 19/06/2025

Data de aceite: 19/08/2025